

## Editorial

“[...] o ensino superior, entre nós, a rigor, tendo surgido tarde e sendo obrigado a rápidas mudanças, quase sempre improvisadas, oscilou – mercê da fase conturbada em que começou a funcionar – entre necessidades sociais imperiosas, decorrentes do desenvolvimento das relações capitalistas, e temores vinculados à luta de classes, que se aprofundou, na mesma época e em ligação dialética com o referido desenvolvimento. A Universidade foi vista sempre, aqui, com grave desconfiança e frequentemente ameaçada ou concretamente mutilada”.

(Nelson Werneck Sodré)

Este é o primeiro número da RBDR deste ano de 2021. Há notícias ruins, mas também motivos para algum otimismo. Começamos pelas primeiras: a crise sanitária permanece gerando suas nefastas consequências na vida de indivíduos e coletividades humanas por todo o planeta. De maneira que o bordão continua atual: “não há dúvidas de que ainda se ouvirá falar muito em Covid-19”. E a razão é que tanto o número de infectados/as quanto o de óbitos ainda crescem, em ritmo forte, no mundo, na América Latina e no Brasil. No momento em que se redige o presente editorial, registram-se 110,147 milhões de infectados/as e 2,434 milhões de vítimas fatais em escala mundial. No Brasil, agora já são 9,978 milhões os/as infectados/as e mais de 242 mil os óbitos. Entre esta edição da RBDR e a anterior, o número de infectados/as aumentou por um múltiplo de 3,2 no mundo, enquanto no Brasil por um de 2,0. E o número de vítimas aumentou por um múltiplo de 2,36 no mundo, enquanto no Brasil por um de 1,67. Há novidades em relação à crise sanitária? Sim, mas no Brasil elas são ralas. A melhor é que já foram vacinados/as mais de 5,8 milhões de brasileiros/as. Em contrapartida, a ausência de medidas adequadas de proteção humana e cuidado à saúde permanece sendo a “política” oficial. O triste é que os/as brasileiros/as ainda têm tido que lidar com a crise econômica – que amplia o desemprego, diminui a renda do andar de baixo e aumenta as desigualdades sócio-espaciais – e a crise político-institucional – que é cotidianamente alimentada por fatos os mais esdrúxulos. Aí se tem, portanto, três crises: a sanitária, a econômica e a política. Há, porém, uma quarta crise, que já vem repercutindo quase tanto quanto as antes referidas: a do “negacionismo”, isto é, a que deriva da recusa – de autoridades e de parcelas da população – em aceitar a realidade tal como ela é, da fuga conveniente de verdades incômodas e desconfortáveis. Evidentemente, esta revista – assim como outros periódicos que difundem resultados baseados em pesquisa científica séria – pode ser colocada sob suspeita pelos/as “negacionistas” de plantão. Que não haja dúvidas de que aqui serão seguidas sempre as orientações

editoriais mais rigorosas, de molde a assegurar que apenas os artigos que cumprirem integralmente todas as exigências científicas recomendadas ganhem as páginas da RBDR. No entanto, é “inegável” que há uma crise “negacionista” no ar.

Há, a despeito de tantas notícias ruins, algum motivo para otimismo?

A resposta a esta questão é positiva e se inspira em Nelson Werneck Sodré – tendo para as/os leitoras/es da *Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional* dois desdobramentos. Como é sabido, o autor das linhas com que se abre este editorial era militar e historiador. E aqui se lhe presta tributo porque em abril de 2021 faria 110 anos. Como Álvaro Vieira Pinto, homenageado na última edição da RBDR, também Nelson Werneck Sodré foi destacado integrante do Instituto Superior de Estudos Brasileiros. Sabe-se hoje, já passadas duas décadas do século XXI, que a Universidade continua sendo vista no Brasil com desconfiança e ameaçada e mesmo mutilada. Mas, se assim é nos tempos presentes, como fora já nos tempos de Nelson Werneck Sodré, então porque a Universidade – lócus em que a ciência se encontra em casa – tem feito brava resistência às crises acima mencionadas.

E na Universidade que, nesses tempos conturbados, tem sido fonte de corajosa resistência, milita o público – composto por estudiosas/os dos territórios e das regiões que os compõem – ao qual se dirige esta publicação. Aqui se tem, então, o segundo desdobramento do otimismo inspirado na figura de Nelson Werneck Sodré. Ele remete ao âmbito mais doméstico: a RBDR está passando por novas modificações, por novos ajustes, por novos aperfeiçoamentos, a partir dos quais se pretende elevar mais um pouco a sua qualidade.

Quais são as principais alterações que já ocorreram e podem ser conferidas neste primeiro número de 2021? O mais importante talvez esteja no “layout” dos artigos. Visando torná-lo mais limpo, ter-se-á de agora em diante uma primeira página com cabeçalho e rodapé mais enxutos – mas, com os logos da RBDR e de *creative commons*, a que a revista está associada. Decidiu-se deslocar as informações sobre o próprio artigo e, sobretudo, as/os autoras/es para o final. Enfim, uma comparação com algum artigo de alguma edição anterior permitirá verificar as mudanças introduzidas. Outra alteração diz respeito à capa. Até aqui se diferenciava um volume de outro por cor; ou seja, a cada ano se tinha três edições identificadas por uma mesma cor. Havia uma única foto, desde o primeiro número do primeiro volume até o terceiro número do oitavo volume. Agora haverá uma foto por edição. Mas, dentro de um mesmo ano (isto é, as três edições de um mesmo volume) haverá fotos de uma/um única/o fotógrafa/o. E os três números de cada volume permanecerão identificados por uma mesma cor. Também aí valeria fazer uma comparação da capa deste número com a capa de qualquer número anterior.

E quem cede as fotos para o volume nove que abre com este número da RBDR? Deixemos que ela mesma se apresente: a fotógrafa que empresta as fotos dos três números de 2021 é Juliana Adriano, natural do Vale do Itajaí/SC, de família composta, sobretudo, por trabalhadoras têxteis, trabalhadores da construção civil e

camponeses. Durante o ensino superior se encontrou com a Sociologia, a problemática ambiental, o Movimento das Trabalhadoras e Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e a arte da fotografia. Entre o mar, a terra e o céu, a fotografia tem auxiliado a tecer um diálogo entre a luta pela Terra e o intento de construir uma sociedade livre da exploração de seres humanos sobre seres humanos e sobre a natureza.

Esses novos aperfeiçoamentos, que, fundamentalmente, se referem ao formato, devem coadunar-se com o compromisso, aqui novamente reiterado, de a RBDR constituir-se em espaço democrático de debate interdisciplinar sobre as temáticas que dizem respeito à “questão regional”, principalmente, em/de países periféricos. É através da publicação de artigos, ensaios e resenhas, inéditos (exceto se publicados em periódicos não brasileiros), sobretudo, da área de planejamento urbano e regional, que a *Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional* se apresenta como espaço plural de debate. No entanto, também são bem-vindas contribuições de áreas como geografia, economia, sociologia, antropologia e ciência política. Caso convirjam para assuntos que tratem de desenvolvimento regional, recebem-se também contribuições de campos como urbanismo, comunicação social, direito, serviço social e turismo. Cabe chamar atenção, ainda, que os artigos e ensaios publicados na *Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional* podem assumir natureza mais “teórica” ou ser de caráter mais “empírico”, consistir de estudos sobre desenvolvimento regional na/da América Latina (inclusive, no/do Brasil) ou de análises que passem por escalas espaciais relevantes para o melhor entendimento dos diversos processos de desenvolvimento e, sendo o caso, conferir destaque para as determinações causais e o protagonismo de agentes e instituições na construção e/ou desconstrução de trajetórias de desenvolvimento no território.

Isto posto, a *Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional* entrega ao seu seletor público o primeiro número de 2021. Os dez artigos que, sinteticamente, são apresentados a seguir ajustam-se ao perfil da RBDR, em consonância com o intento maior de constituir-se em espaço democrático para o debate sobre a questão regional.

“Cadeia produtiva da celulose em Imperatriz-MA” é o título do artigo inicial, assinado por Fernando Reis Babilônia e Alcido Elenor Wander. Os autores se propõem a examinar, sob a ótica das Cadeias Globais de Valor, a cadeia produtiva da celulose em Imperatriz, no Maranhão. A conclusão é de que a instalação de uma grande empresa de celulose e papel provocou mudanças no município, que incluem: aumento na participação da indústria no PIB local, crescimento nas exportações e maior dinamismo urbano.

O segundo artigo, assinado por José Ediglê Alcântara Moura, Francisco do O’ de Lima Júnior e Denis Fernandes Alves, é “Dinâmica econômica mesorregional do setor agropecuário do estado do Ceará no período 2000-2015”. Nele se analisa a dinâmica econômica da agropecuária do Ceará, em face de suas distintas mesorregiões, no período de 2000 a 2015. Os resultados indicam que as culturas

frutícolas foram as de melhor desempenho, despontando as mesorregiões Jaguaribe e Noroeste como as mais dinâmicas.

Em “Sustentabilidade urbana de Lagoa Seca-PB”, Maria de Fátima Martins e Amanda de Araújo Rodrigues se debruçam sobre a sustentabilidade de Lagoa Seca, Paraíba. E o fazem a partir de um sistema de indicadores que permite medir, analisar e monitorar a qualidade do desenvolvimento urbano, oferecendo suporte informacional para a gestão sustentável da cidade. Os resultados indicam haver dimensões com variados desempenhos, sugerindo maior cooperação entre gestão local e população.

Roberto Tadeu Ramos Morais é o autor do artigo seguinte: “A importância do cooperativismo de crédito para o agronegócio e o desenvolvimento regional: o caso da PRIMACREDI”. Aí examina uma cooperativa de crédito como agente de desenvolvimento regional, tomando como área de estudo a região do Centro-Oeste mato-grossense. Os resultados apontam que a cooperativa de crédito representa uma opção para impulsionar o desenvolvimento de região formada por municípios nos quais domina o agronegócio.

No artigo “Uma cidade, o garimpo de esmeraldas e a decadência: o caso de Santa Terezinha de Goiás”, Fudio Matsuura, Antônio Pasqualetto e Ubirajara de Lima Ferreira avaliam o processo de ocupação do território e as mudanças na região de Santa Terezinha de Goiás com a descoberta de esmeraldas. Os resultados mostram que a mineração levou a um rápido desenvolvimento econômico local, depois desarticulado com a decadência dessa atividade, culminando em um cenário de degradação e abandono.

“Dinâmica regional das atividades produtivas do estado de Mato Grosso do Sul: 40 anos de formação político-administrativa” – assinado por Wesley Osvaldo Pradella Rodrigues, Daniel Massen Frainer e Celso Correia de Souza – é o sexto artigo. Aí se busca analisar a dinâmica regional da atividade produtiva de Mato Grosso do Sul. Os resultados revelam existir forte concentração do emprego nas regiões de Campo Grande e Dourados. O setor com maior número de empregados foi o de serviços.

Já no sétimo artigo deste número da RBDR, “Políticas de escala e planejamento regional: o Plano de Ação da Macrometrópole Paulista e a Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte”, Rosa Maria Scaquetti e Pedro Ribeiro-Moreira avaliam os limites, potencialidades e implicações da agenda de planejamento em distintas escalas, com ênfase no Plano de Ação da Macrometrópole Paulista, visando identificar os fatores que tendem a exercer maior influência sobre sua governança.

Luis Claudio Krajevski assina o artigo “Universidade e desenvolvimento regional: a experiência da UFFS”. O objetivo é examinar as interações entre a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e a região abarcada por sua atuação. Os resultados apontam que, a despeito de entraves, a UFFS tem cultivado uma relação profícua de proximidade com a sociedade regional, que pode ser observada nos documentos institucionais, nos cursos ofertados e no próprio funcionamento da instituição.

“Sistema Regional de Inovação Catarinense: determinantes de seu desempenho” – assinado por Ana Claudia Garcia e Pablo Felipe Bittencourt – é o nono artigo. Aí se empreende uma análise sistêmica da capacidade inovadora de Santa Catarina, relacionando-a ao desempenho econômico estrutural. Os resultados apontam que um conjunto de determinantes, que podem ser considerados intrínsecos à economia catarinense, vêm favorecendo um processo virtuoso de mudança estrutural.

Por fim, em “Desenvolvimento socioeconômico de Santana do Livramento: uma análise pelo IFDM”, Amanda da Maia Alves e Debora Nayar Hoff se debruçam sobre o desenvolvimento socioeconômico do município de Santana do Livramento entre 2005 e 2016, visando entender as mudanças ocorridas no período. Os resultados indicam que 2016 foi o ano de melhor desempenho do município, com destaque positivo para saúde e educação e destaque negativo para emprego e renda.

Existe ainda uma seção de resenhas. Aí Nilton Marques de Oliveira procura oferecer um comentário bem fundamentado ao primeiro volume (*interpretações*) da trilogia *Celso Furtado: a esperança militante*, lançada em 2020 em homenagem ao centenário de nascimento do grande economista paraibano. Que também seja de interesse para as/os leitoras/es deste número da RBDR.

Ao concluir este editorial, cabe ainda: (a) lembrar que a *Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional* deverá continuar passando por mudanças, com a participação ativa da engajada equipe que a tem editado; (b) remeter um agradecimento especial a todas/os as/os articulistas, integrantes do conselho editorial e “carregadoras/es de piano” por sua imensa contribuição para que a RBDR avance na consecução de seus objetivos; e (c) reiterar que esta editoria permanece aberta às críticas de suas/seus leitoras/es, autoras/es e integrantes do conselho editorial, de maneira a reduzir equívocos a cada edição publicada. Da parte da *Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional*, permanece o inegociável compromisso de constituir-se em espaço democrático de debate interdisciplinar qualificado sobre temas referentes à “questão regional”.

Que este primeiro número de 2021 da RBDR propicie uma interessante leitura a todas/os. Até breve!

Ivo M. Theis  
Editor

A foto que ilustra a capa desta edição da RBDR, de Juliana Adriano, capta o momento em que a criança, diante da cavalaria, diz: “para, polícia”. Na ocasião, 29 de novembro de 2017, foram despejadas 180 famílias moradoras do acampamento Marcelino Chiarello, em Faxina dos Guedes/Santa Catarina. Apesar de a área ser pública, barracos e plantações foram destruídos pela força policial.

